

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira / Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

Cruzando mares. Ilha(s) e emigração*

Toda a literatura portuguesa integra de uma forma ou de outra referências que relacionam o real com o imaginado, ilustrando a importância que os factos reais têm na criatividade de quem produz e edita os textos, que passam a estar disponíveis ao público leitor.

Maria Beatriz Rocha-Trindade¹

Se o texto literário liga elementos estéticos e subjetivos, não invalida que possa constituir-se como um valioso instrumento de conhecimento para a compreensão do meio social em que é produzido². Partiremos, pois, da ideia de que a literatura pode ser um testemunho da consciência do espaço insular e das preocupações do ilhéu e que o fenómeno migratório constitui um dos vectores essenciais da expressão literária de autores ligados aos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

O presente estudo está dividido em duas partes. Numa primeira parte, intitulada “Entre o real e a ficção. Enquadramentos”, pretendemos equacionar o (possível) diálogo entre a História e a Literatura. Numa segunda parte, denominada “Do real para a ficção. Motivos e destinos”,

* Investigação desenvolvida no âmbito do Projecto *Viagem e Utopia* do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiado pela FCT.

¹ Maria Beatriz Rocha-Trindade, “Portugal. A criação de “estereótipos” decorrente da mobilidade espacial e social transnacional”, in *Escritas das Mobilidades* (Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Centro de Estudos de História do Atlântico, 2011), pp. 555-570.

² James Wood afirmava em “Verdade, Convenção, Realismo”: “a arte não é a vida, é sempre um artifício, é sempre mimética – mas é a coisa mais próxima da vida”. Cf. *A Mecânica da Ficção*, trad. de Rogério Casanova (Lisboa: Editora Quetzal, 2010), p. 262.

é nossa intenção analisar alguns textos que viabilizam o elo entre realidade e (re)criação. Não podendo dar conta dos vários géneros literários que trataram deste veio temático, abordaremos, por razões metodológicas, apenas alguns contos publicados no século XX e XXI. Esta opção prende-se com o facto de este género narrativo, pela sua brevidade, condensação temática e capacidade de ir direto ao assunto, ser o mais apto para circundar um aspeto marcante da experiência de vida ou até do destino de um sujeito emigrante.

Da literatura de feição açoriana, Vitorino Nemésio (1901-1978) e os contistas do Grupo de Ponta Delgada, em particular, e Ruy-Guilherme de Moraes (1904-1937), Dinis da Luz (195-1988), Manuel Ferreira (1916-2012), Eduíno Borges Garcia (1922-1979) e Dias de Melo (1925-2008), muito contribuíram por fazer aceder a realidade açoriana ao universo da narrativa literária, interpretando as angústias do quotidiano³. Dos ficcionistas da pós-revolução de abril, destacaremos José Martins Garcia (1941-2002), que deu expressão a dramas da insularidade, e Onésimo Teotónio Almeida (1946), por desvendar aspirações e comportamentos de açorianos que escolheram as terras do tio Sam.

Da literatura de ambientação madeirense, a escolha recaiu em textos, cujas linhas de força definem igualmente a problemática da Ilha e o fenómeno das mobilidades, mediados pelos seguintes escritores: João França (1908-1996), Maria do Carmo Rodrigues (1924), Maria Aurora Carvalho Homem (1937-2010), Irene Lucília Andrade (1938), José Viale Moutinho (1945) e Lília Mata (1967).

³ Cf. Urbano Bettencourt, *Ilhas Conforme as Circunstâncias* (Lisboa: Edições Salamandra, 2003), pp. 108-109; João de Melo, “Prefácio” à *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano – Séculos XIX e XX* (Porto: Editorial Verbo, 1978), p. 22. A poesia que dá conta do fenómeno migratório é, de igual modo, relevante nos Açores. Escritores como Cecília Meireles (“Emigrantes”), Roberto Mesquita (“Olhos amigos”), Armando Côrtes-Rodrigues (“Carta para longe”), João Teixeira de Medeiros (“Desabafo dum Emigrado”), Fernando do Canto e Castro (“Saudades da nossa terra”), Natália Correia (“Manhã Cinzenta”), José Martins Garcia (“*In loco*”), João de Melo (“Olhar com navio dentro”) são vozes que se debruçaram sobre esta questão. Cf. Diniz Borges seleção (introdução e notas de) *Nem Sempre a Saudade Chora. Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração* (Açores: Presidência do Governo/ Direção Regional das Comunidades, 2004). Na Madeira, existem alguns artigos e dissertações de Mestrado. Porém, está por fazer um levantamento e um estudo mais aturado sobre esta questão.

A maioria dos contos dos escritores pertencentes aos Açores refere um período anterior aos textos publicados pelos autores ligados ao meio madeirense. Não obstante, o *corpus* que nos propomos analisar oferece, em ambos os casos, múltiplos olhares sobre o tema em foco, abrindo-se sempre para a possibilidade de um território utópico. Nascida sob o signo do sonho e da esperança, a literatura que dialoga com a problemática da emigração desdobra a imagem, as aventuras e desventuras de quem procura um destino diferente. Com efeito, o tempo pretérito pautado pela miséria, pelas diferenças sociais disfóricas e pela impossibilidade de um horizonte risonho fez com que o desejo de viajar para lugares mais promissores constituísse um *topos* significativo da ficção insular. Movidos pela visão idealizada do lugar distante, os insulares parecem dar razão a Lyman Tower Sargent⁴ quando refere: “We dream. We are always imagining a better life, an improved social order, a Paradise” (2002: 75). Todavia, o registo literário sobre o tema da emigração foi evoluindo. Passamos de uma escrita plasmada no realismo crítico, de intenção explicativa do fenómeno, denunciadora das causas sociais e económicas que lhe subjazem e aconselhadora em relação aos perigos que essas mobilidades acarretam, para uma escrita descomprometida e raiada de humor (ironia, paródia, absurdo) que desconstrói estereótipos, joga com o “emigrês” e se livra do *pathos* (ainda que possa incorporar tonalidades trágicas), deixando ao leitor a liberdade de construir a sua visão moral sobre as cenas tematizadas.

1. Entre o real e a ficção. Enquadramentos.

Maria Lucinda Fonseca, na introdução ao livro *Aproximando Mundos. Emigração, Imigração e Desenvolvimento Insulares*, afirma que:

frequentemente situadas nas periferias ou ultraperiferias geográficas dos principais centros de poder político e económico, as ilhas, são, em muitos casos, lugares de encontro e transição, pontos de apoio nas rotas internacionais de comércio e de circulação de pessoas. (2000: 7)

⁴ Lyman Tower Sargent, “Utopia Americana: Ambivalence toward utopianism in the United States”, in *Utopias*, Cadernos de Literatura Comparada, 6/7 (Porto: Faculdade de Letras do Porto / Instituto Margarida Losa, Granito Editores e Livreiros”, 2002), pp. 75-93.

Por outro lado, J. Connell observa que as ilhas se definem como territórios de uma “cultura da emigração” (2007: 455). Vistos sob o prisma da Sociologia e da Geografia Humana, as ilhas parecem ser por excelência lugares de mobilidade⁵. Na verdade, este fenómeno de deslocamentos humanos resulta, quase sempre, da necessidade de fuga a uma vivência problemática. Os habitantes presos, quer ao isolamento, quer à penúria, encontrariam nessa abertura ao exterior uma solução às disforias que a ilha, nos seus condicionalismos, pode comportar.

Se partirmos deste pressuposto e acrescentarmos que a literatura mantém com o Meio e com a História um elo inegável, a escrita literária apresentaria traços culturais e identitários de um lugar, de

⁵ É sobejamente conhecida a ligação entre a História do arquipélago dos Açores e o fenómeno migratório. As dificuldades de sobrevivência e o excesso populacional, as catástrofes periódicas que assolam as ilhas, a fuga ao recrutamento militar e o anseio de enriquecer em terras distantes levam o Açoriano a ter os olhos postos no mar. As principais rotas são o Brasil, Havai (séculos XVIII e XIX) e Estados Unidos (XVIII e XIX). Uma vez nestas regiões norte-americanas, os açorianos trabalharam na indústria têxtil, na do vestuário ou na produção leiteira, frutícola e hortícola. As comunidades diaspóricas encontram-se, atualmente, quase todas concentradas nos Estados Unidos (Rhode Island, Nova Jérquia e Massachusetts) – foi aqui, aliás, que chegaram os primeiros emigrantes vindos nos baleeiros para fugirem à queda do negócio da pesca e da caça à baleia – no Canadá, depois do protocolo assinado em 1953, ou, ainda, nas Bermudas, onde se destacaram no ramo da hotelaria, sobretudo a partir de 1960. No Canadá, os açorianos foram trabalhar para os caminhos-de-ferro e para a agricultura. Para mais informação sobre a problemática da emigração no Arquipélago dos Açores, veja-se, por exemplo, Henriques Brito, *Distância e Conexão. Insularidade, Relações Culturais e Sentido de Lugar no Espaço da Macaronésia* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2009); Ribeiro de Medeiros & Madeira, *Emigração e Regresso no Concelho da Povoação* (Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores, 2003); Williams & Fonseca, M. L., “The Azores: between Europe and North América”, in R. King e J. Connell (eds.), *Small worlds, global lives: islands and migration* (London: Pinter, 1999), pp. 55-76. Pode consultar-se, ainda, o artigo de Eduardo Brito Henriques e Alina Esteves, “As ilhas como pontos focais no espaço das migrações: práticas transnacionais na emigração açoriana”, in Maria Lucinda Fonseca (coord.), *Aproximando Mundos. Emigração. Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares* (Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2010).

um povo e de uma região⁶. Com efeito, a literatura que versa sobre o fenómeno migratório representa traços culturais inegáveis da problemática identidade lusa, em geral, e de uma identidade insular, em particular. O texto ficcional vem, assim, ilustrar a emergência de um novo mitema literário, como observa Eduardo Lourenço. No seu *Labirinto da Saudade*, o ensaísta⁷ sugere que a configuração do *português-emigrante* veio substituir a do *português-colonizador* nessas terras distantes. Na sua ótica, o primeiro viajante, o colonizador, agia por razões expansionistas; o segundo, o emigrante, fá-lo-á por razões económicas, para contrariar o *fatum* ou, pelo menos, para contrariar a ausência de expectativas (1982: 128). Compreender-se-á, pois, tal como refere Joel Serrão⁸, que a emigração não tenha deixado escritores e artistas indiferentes às viagens empreendidas por quem procura, noutras paragens, pôr fim às vicissitudes de uma vida amargurada (1982: 78). Assim sendo, nos arquipélagos açoriano e madeirense, a literatura que aborda o fenómeno migratório vem refletir as experiências a que o migrante se vai sujeitar, uma vez tomada a decisão de deixar a terra-mãe. As narrativas de autores das ilhas portuguesas vão testemunhar as deslocções rumo ao Longínquo e ao Desconhecido, assim como a coragem com que enfrentam os riscos dessa aventura. É que, entre o carácter de transitoriedade dessa experiência e o seu carácter mais permanente, viajar é ultrapassar fronteiras em relação à condição (física, económica, social e identitária) que limita o indivíduo.

⁶ Carlos Reis refere que a obra literária não perde “a sua ligação com a sociedade e com a História. De facto, vivendo num tempo e num espaço concretos, dialogando de diversas formas com a cultura e com o imaginário em que se acha inscrito, o escritor representa uma cosmovisão que de certa forma traduz essa sua relação com o seu tempo e espaço históricos”, Cf. *O Conhecimento da Literatura* (Coimbra: Almedina, 1995), p. 82. A ligação (possível) entre o real e a ficção tem sido, de igual modo, referida por inúmeros escritores e ensaístas estrangeiros. Paul Ricœur assegurava, em 1983, que um texto ficcional implica uma dimensão histórica inegável. Cf. Paul Ricœur, *Temps et Récit I* (Paris: Éditions du Seuil, 1983).

⁷ Cf. Eduardo Lourenço, “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração”, in *O Labirinto da Saudade* (Lisboa: Dom Quixote, 1982).

⁸ Sobre este “fenómeno histórico de natureza estrutural” projetado nas artes em geral, e na literatura, em particular, o leitor poderá consultar Joel Serrão, *A Emigração Portuguesa – Sondagem Histórica* (Lisboa: Livros Horizonte, 1982).

2. Do real para a ficção. Motivos e Destinos

Na literatura de matriz açoriana, conforme sustenta Urbano Bettencourt⁹, a ânsia de partir, a viagem e a emigração ganham especial relevo na produção dos seus escritores:

historicamente convertida em factor estruturante da sociedade açoriana, a emigração tornar-se-ia o acontecimento central da história dos Açores e da sua narrativa, ganhando espaço e presença numa estética literária de que a partida, a viagem e a errância [...] se constituem os temas mais pertinentes. (2003: 48)

É certo, como refere Adelaide Batista¹⁰, que as narrativas focam mais as partidas e as chegadas do que propriamente a experiência migratória no país recetor (1993: 41). Todavia, a deslocação para uma terra desconhecida, quase sempre através de uma viagem transatlântica, impôs-se nas letras insulares como marca de uma condição sofrida de quem tenta alcançar, longe da terra matricial, uma renovada conformação social e identitária.

No prefácio à *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano. Séculos XIX e XX*, João de Melo refere que o desejo de atravessar o mar resulta do deslumbramento das cidades e do modo de vida americano na

⁹ Cf. Urbano Bettencourt, *Ilhas Conforme as Circunstâncias* (Lisboa: Edições Salamandra, 2003).

¹⁰ Cf. Adelaide Batista, *João de Melo e a Literatura Açoriana* (Lisboa: Dom Quixote, 1993). Poder-se-á, ainda, consultar, Adelaide Freitas, *Nas Duas Margens da Literatura Norte-americana e Açoriana* (Ponta Delgada: Linhas e Círculos, 2008). Urbano Bettencourt também observou que os “contistas da Horta” – Ernesto Rebelo, Manuel Zerbone, Florêncio Terra, Rodrigo Guerra, Nunes da Rosa – não se debruçaram sobre a experiência migratória. Cf. Urbano Bettencourt, “Emigração e Literatura: Alguns fios da Meada” (Horta: Gabinete da Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas/Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta, 1989), pp. 19-20. No entanto, a escrita de Daniel de Sá, Martins Garcia, João de Melo, Onésimo T. Almeida e Álamo Oliveira explora travessias, desterritorializações e aculturações. Cf. *Imitação da Morte* (1982) e *Contrabando Original* (1987) de Martins Garcia; *(Sapa)teia Americana* (1983), de Onésimo Teotónio Almeida, *Gente Feliz com Lágrimas* (1988), de João de Melo, *Ilha Grande Fechada* (1992), de Daniel de Sá, e *Já Não Gosto de Chocolates* (2000), de Álamo Oliveira.

busca de um ideal de segurança que a Ilha não oferecia. Por sua vez, Vitorino Nemésio, ao ensaiar o conceito de “açorianidade”, sublinha essa vivência do Insular, rodeado pelo mar, dado à solidão, com olhos postos no Oceano Atlântico¹¹. Como parece ser regra nas literaturas insulares, a cartografia açoriana alimenta-se desse sonho da evasão¹². Compreender-se-á, assim, que a escrita de Vitorino Nemésio, Ruy-Guilherme de Moraes, Dinis da Luz, Manuel Ferreira, Eduíno Borges Garcia, Dias de Melo, José Martins Garcia ou Onésimo Teotónio Almeida venha atestar essa(s) força(s) centrífuga(s) e centrípeta(s) que condicionam insulares.

Neste sentido, sublinhe-se a experiência da viagem a salto, ora para fugir ao recrutamento militar e às dificuldades económicas, ora motivada pelo apelo do Longínquo, a exemplo do conto “I’m very well, thank you”, inserto no livro *O Mistério do Paço do Milhafre* (na sua versão refundida de 1949) de Vitorino Nemésio¹³.

Vinculados à problemática da viagem encoberta, a narrativa “Passageiro clandestino”, de Eduíno Borges Garcia, incorporada em *Ilhéus, Portugal & os Outros* (1995) e o conto “O Barco e o sonho” (1980), de Manuel Ferreira, compilado no livro epónimo, abordam, também, a travessia clandestina. O texto de Borges Garcia evidencia o “grande sonho” (1995: 42) de quem procura pôr termo à monotonia da Ilha por nela estar contida “Uma vida sem esperança. Vidas queimadas

¹¹ Vitorino Nemésio afirmava: “como homens estamos historicamente soldados ao povo de onde viemos e enraizados pelo “habitat” a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história.” Cf. Vitorino Nemésio, “Açorianidade”, in *Ínsula*. Numero Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores (Ponta Delgada: Oficina de Artes Plásticas, 7-8, 1932), p. 59.

¹² Para mais informação, cf. Mónica Maria Serpa Cabral, *O Conto Literário de Temática Açoriana: A Ilha, o Mar e a Emigração*, Dissertação de Doutoramento (Universidade de Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas, 2010), p. 151.

¹³ A título ilustrativo: “Foi ali que atracou o bote da chalupa americana para o levar para bordo, fugido ao recrutamento. Com o guarda perto, o Broca (mal encarado, quezilento no imposto do pescado...), como havia de embarcar sem o verem? Foi então que teve aquele expediente de descer a rocha do mar com a trouxinha às costas, atirando-se da fonte da Amoreira à água – e ala! A nado, até ao bote, que virara de bordo à-sorrelfa” (Nemésio, 2002), pp. 286-287.

sem alegrias nem tristezas” (1995: 45). O conto de Manuel Ferreira, baseado num episódio verídico, narra os sonhos de Vítor e Evaristo, filhos de gente humilde, que pretendem, de igual modo, combater uma “Vida excomungada! (1980: 33) que os enclausura num futuro sombrio. Carpinteiros exímios, constroem um barco, com o propósito de alcançar o outro lado do Atlântico:

A América! O Novo Mundo! Grandes cidades, docas, estaleiros, barcos, aviões, arranha-céus, dólares... muitos dólares! Um maná constante de dólares, como dobadura de ouro, sem parar, como uma chuva de estrelas, naquelas noites de Agosto, na imensidão da abóbada azul, sem mácula e sem nuvens” (1980: 60).

A aventura acaba com o resgate dos dois tripulantes por um vapor, após vinte sete dias em mar alto numa travessia perigosa. Ambos os contos configuram o processo de mitificação da América que o Açoriano cultiva: lugar de prosperidade, de abundância, onde os dólares brotam com facilidade.

Histórias há que ilustram ora a esperança, ora o infortúnio de quem parte rumo às Américas. É certo que a narrativa intitulada “O conto do Vigário”, integrada na coletânea *Alecrim, Alecrim aos Molhos* (1974), de José Martins Garcia, reenvia para as dificuldades de quem emigrou nos finais do século XIX. Porém, a perspectiva realista do quadro que segue acentuará a desmistificação do novo mundo e espelha as dificuldades que as travessias comportam:

Depois de percorrer os mares em desvairados sentidos, o veleiro desembarcou a sua carga humana no porto de Nova Iorque. Triste carga de gente emagrecida, piolhosa e fedorenta, alimentada a bolacha e água choca, em porões cheios de insectos e bafo, ao longo de muitos meses. Da medonha epopeia, Leonor Pereira guardaria uma imagem de fome e comichão assim distribuída no tempo: “A gente andava três meses pra *diente* e três meses pra trás”.

Com efeito, Leonor Pereira e os irmãos vão em busca de uma vida melhor na Califórnia. Se os dois rapazes constituíram família esquecendo a terra-mãe, dela apenas sobrando um retrato pálido e quase anónimo, Leonor, por sua vez, regressa à terra natal, casada com Mestre João.

Sem filhos e com horizontes opostos, o casal desentende-se. O marido pensava na modernização da casa; Leonor tinha um projeto de vida ligado à terra. Ela queria transformar “a terra em pão”, na “substituição do vinho por milho” e o seu intuito foi alcançado. O desentendimento matrimonial só foi remediado com a intervenção do Vigário da aldeia que lhes promete vida eterna em troca de um tributo regular.

No conto intitulado “Passaporte de Emigrante”, Ruy-Guilherme de Moraes descortina o estratagema entre aldeões para que uma família inteira consiga fixar-se no Canadá, destino preferencial dos açorianos em meados do século XX. De facto, Jacinto Toré e Maria José recebem a proposta de fazerem passar a filha deles, forte e robusta, pela filha de Francisco Herege, a pequena Alda, que pode colocar em risco a ida dos pais para o estrangeiro se os exames médicos comprovarem a sua fragilidade física. Além dos cem dólares depositados no Banco do Canadá, o direito de permanência nesse país da América do Norte obriga a um contrato de trabalho assinado e a uma documentação em dia: atestado médico e bilhete de identidade de toda a família, bem como o registo criminal dos homens. O Canadá apresenta-se assim como um destino tão desejado que predispõe candidatos à emigração a recorrerem a pequenos esquemas fraudulentos.

Aos olhos do homem açoriano, o sonho da emigração vale os riscos incorridos, mesmo quando se teve uma experiência negativa. Veja-se, por exemplo, a narrativa intitulada “O dia mais feliz do Tio Moisés”, intercalado no livro *Destinos do Mar* (1953), de Dinis da Luz. Desfeito o sonho americano, o protagonista, que regressou à ilha ainda mais empobrecido, constata: “Não tive sorte nem tinha sina para aquela terra”. Resta-lhe a esperança depositada no filho Manuel: “– Se o Manuel fosse para a América, havia de ter sorte. O diabo nunca faz mal a uma família inteira e a minha é já toda de desgraçados, menos ele”. Não desiste do sonho, apesar de tudo. O tio Moisés transfere para o filho o próprio anseio, confiante de que um dia Manuel regresse como o “Calafona”, endinheirado, bem vestido, com um automóvel e com descendência farta, com dupla pertença identitária, de acordo com a “iconografia do sucesso” (Bettencourt, 2003: 23) associada ao emigrante bem-sucedido. Esse exibicionismo de quem alcançou uma nova conformação social e económica parece significar a vitória sobre

um destino plangente. Tal figura estereotipada circula em vários textos literários, a exemplo do conto “Velho sem vergonha”, procedente do livro *Inverno sem Primavera* (1996), de Dias de Melo:

emigrantes que, anéis enfiados nos dedos, relógio acebolado metido na algibeira do colete, corrente luzidia atravessada no peito inchado ou na pança abaulada, vinham, ou matar saudades, ou de regresso definitivo, e sempre a arengar bazófias de abundâncias nunca vistas que faziam crescer águas na boca e visões ilusórias nas cabeças dos pobres albarqueiros para ali encarcerados na pasmaceira daquele penhasco perdido no meio das nuvens sombrias e do mar hostil. (1996: 88-89)

Compreender-se-á então que o sonho tenha conduzido a um quase despovoamento das ilhas, como sugere o conto “Tanta gente!...”, inserto em *Cidade Cinzenta* (1971), de Dias de Melo. Para quem vive num lugar de pobreza e de monotonia, emigrar parece ser a única escapatória. É, de certo modo, essa a situação referida no conto “Trilogia Breve”, coligido em *Português sem Filtro – uma Antologia*, de Onésimo Almeida¹⁴. Além da perspetivação do choque cultural que insulares experimentaram ao mudarem-se para a América, o texto encena a evolução dos sentimentos que o Sr. Chico Ávila nutre relativamente à terra natal e à terra do ganha-pão. Vindo de S. Jorge, este Açoriano não se conforma por ter deixado o seu “cantinho” do mundo: “Esta América compra almas. E a tentação pior é que as paga bem. Por isso mesmo o bom é sugar-lhe o melhor e voltar para aquilo que é da gente” (2011: 125). Se, nos primeiros anos, a saudade da terra permanece, o certo é que, com o passar dos anos, as melhorias de condições de vida verificadas na ilha, durante as férias de verão que fazia lá sempre que podia, diminuem-lhe a importância que ele julgava ter no seio da comunidade de origem. Aos poucos, toma consciência que pertence ao lugar em que fez a sua vida.

No arquipélago da Madeira, o tempo pretérito pautado pela miséria e pelas diferenças sociais distópicas fez com que o desejo de viajar para lugares mais promissores constituísse, de igual modo, um *topos*

¹⁴ Onésimo Teotónio Almeida, *Português sem Filtro: uma Antologia* (Lisboa: Clube do Autor, 2011).

significativo da literatura dela emanada¹⁵. Quer em narrativas de ficção, quer em peças de teatro, os protagonistas, movidos por essa vontade de derrubar obstáculos e aceder a uma renovada (con)formação, essencialmente social e económica, sustentam a ânsia de retornar a casa, uma vez alcançados os objectivos iniciais.

À luz da literatura de temática madeirense, duas imagens do emigrante bem-sucedido parecem vingar. A do séc. XIX, que encena um jovem humilde que emigra e retorna rico do Brasil ou de Demerara (Guiana Inglesa), podendo derrubar as barreiras sociais que a sociedade de então, sob a dominação de morgados, impunha. É, por exemplo, o caso da peça *A Família do Demerarista* (1859), de Rodrigues de Azevedo. A do séc. XX, que mostra um homem feito (e quase sempre casado ou comprometido) que embarca com destino aos Estados Unidos, ao Brasil, à Venezuela ou à África do Sul, para contrariar a sua condição, sonha em regressar e, ao revelar força de vontade, espírito de sacrifício e sentido de oportunidade, volta para estabelecer-se, qual *self-made man*, por conta própria ou como empresário, embora apareça muitas

¹⁵ No que diz respeito ao arquipélago da Madeira, o quadro não é diferente. Como observa o historiador Rui Carita, os madeirenses vivam num cenário de penúria, cujas causas deviam ser atribuídas: “ao insuficiente desenvolvimento socioeconómico, decorrente das graves crises agrícolas (...), [assim como à] pressão demográfica não equilibrada por uma insuficiente industrialização, o que gera desemprego e ainda, muito especialmente, com a não reestruturação da propriedade agrícola, de que resultam gravíssimas assimetrias económicas”. (Cf. *História da Madeira, 7ª Vol. O Longo Século XIX (1834-1910)* (Funchal: Secretaria Regional da Educação e Universidade da Madeira, 2008), p. 522. Com efeito, parte da população rural via-se presa a um sistema agrário obsoleto denominado “colónia”. Entre as dificuldades do passado e os percalços também do presente, não admira que, ao longo do séc. XIX e XX, milhares de madeirenses tenham embarcado para o Brasil, Demerara, Havai, Venezuela, Estados Unidos, África do Sul e, mais recentemente, emigrado para destinos europeus. O fenómeno da emigração faz pois parte das vicissitudes que enformam o ser e estar do madeirense, já por si sujeito situado na fronteira do espaço identitário luso, movendo-se dentro e fora do arquipélago, traduzindo-se esta condição própria pelo termo de cunho recente, “madeirensidade”. A esse respeito, ver o artigo de Paulo Miguel Rodrigues, “Da insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da *Madeirensidade* (1910-1926)”, in Alberto Vieira (coord.), *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico* (Funchal: CEHA, 2010), pp. 210-228.

vezes com modos de novo-rico. Bom exemplo disso será o romance *Torna-Viagem* (1979), de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983)¹⁶.

A contística madeirense, ainda pouco divulgada e estudada, virá mostrar como a Ilha está presa ao mar, à sua condição periférica e aos seus atavismos, mas, simultaneamente, aberta à possibilidade de novas rotas e redes de contacto¹⁷. Ora, na produção literária de João França, Maria do Carmo Rodrigues, Irene Lucília Andrade, Maria Aurora Carvalho Homem, Lília Mata e José Viale Moutinho, são tema recorrente as mobilidades dos insulares como marca de uma época determinada e de uma identidade evolutiva e multifacetada.

O conto “O emigrante”, de João França¹⁸, apresenta-se como um registo histórico-social, ao encenar as gentes desafortunadas da Ponta do Sol e dos Canhas, em meados do século passado. Nesse pano de fundo, duas personagens vão confrontar-se: o primeiro, Crispim Americano, um abastado proprietário, representando o torna-viagem bem-sucedido, e o segundo, Rique Brás, um pobre rapaz indeciso e humilhado, que vê na emigração a única possibilidade para mudar a sua condição, porque, como enuncia o texto: “A vida era assim: parecia depender do nascimento de uma pessoa. Filho de doutor era doutor, filho de cavador era cavador” (s.d.: 34).

Crispim Americano emigrou para as Américas já casado e pai. Numa analepse que resume a situação precária deste madeirense, o leitor ficará a conhecer, em traços gerais, as agruras de uma experiência arriscada no outro lado do Atlântico. De facto, o texto de João França reenvia para o processo de desmistificação da América como lugar ideal. Porém, na ideia de Rique Brás, a visão mitificada da América ainda

¹⁶ Cf. Thierry Proença dos Santos, “Figurações da emigração madeirense na narrativa de Horácio Bento de Gouveia”, in Odeta Pereira (coord.), *News Letter 12. A Emigração na História da Madeira* (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Dezembro 2012), pp. 8-12.

¹⁷ Cf. Tânia Santos, *Ler, Ver e Debater a Emigração*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, (Universidade da Madeira, 2013).

¹⁸ João França, *O Emigrante* (Lisboa: Agência Portuguesa de Revistas, s.d.). Para uma leitura mais pormenorizada deste conto, v. Leonor Martins Coelho, “«O Emigrante» de João França – do texto à representação cénica”, in Odeta Pereira (coord.) *News Letter 12. A Emigração na História da Madeira* (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Dezembro 2012), pp. 4-17.

domina. Aliás, se Rique Brás deseja experimentar os caminhos de um “exílio” ambicionado é para poder enfrentar o pai de Mariquinhas que lhe não consente o namoro com a filha. Compreender-se-á, então, que, tendo o protagonista tomado a resolução de partir e encontrando-se na posse de “uma carta de chamada” de Boston que lhe facilitaria a entrada em solo americano, o desfecho venha a adquirir novos contornos. Com efeito, a imagem da mãe abandonada à sua sorte contraria os planos do rapaz que foram, na realidade, impetuosamente desenhados e, por isso mesmo, pouco interiorizados. Assim, apesar do sonho de uma “grande fazenda, casa com janelas de persianas verdes e telhado vermelho, vacas a pastar, compridos corredores de vinha, água com fartura, gente a trabalhar cantando” (s.d.: 32), num nítido decalque das propriedades de Crispim Americano, o jovem desconstrói a ilusão que a explicativa traduz “Ora a América! Que fosse bugiar! Que se fossem bugiar a América, o Crispim e a Mariquinha!” (s.d.: 39).

Na escrita dos autores que ilustram e problematizam a Madeira, a imagem estética do emigrante vai evoluir e diversificar-se: já não é apenas visto de fora para dentro, como se tratasse de uma figura exógena, podendo a história ser contada a partir do seu ponto de vista, do eu para o outro. A manipulação da sua imagem já não serve apenas a expressão do despeito, podendo agora infundir respeito. Na escrita de ficção, a sua convocação não serve apenas o propósito de refletir estereótipos de uma condição social e moral, podendo desempenhar um papel que o eleva a um símbolo.

Para ilustrar o que acabamos de enunciar, vamos referir alguns contos de autores que merecem a nossa atenção. O desfasamento entre o saudoso passado idealizado e a realidade do presente que o emigrante, de regresso à terra após uma longa ausência, pode experimentar constituirá tema central no conto intitulado “A Fonte” (1993), de Irene Lucília Andrade¹⁹. O argumento resume-se em poucas linhas: o protagonista regressa à Madeira para satisfazer um súbito desejo de reencontrar referências do seu passado e de rever Nivalda, a mulher que

¹⁹ Utilizamos a seguinte edição: Irene Lucília Andrade, “A Fonte”, in Thierry Proença dos Santos (org.), *Narrativas Contemporâneas da Madeira* (ed. bilingue) – tradução de Isabel B. dos Santos e João Paulo Tavares & Thierry Proença dos Santos (Funchal: Secretaria Regional da Educação, 1997).

amou. A cidade que percorre tem, porém, muito pouco em comum com a cidade que conheceu: “Ficou ali um instante torcendo uma minúscula ansiedade. Desejou voltar logo ao hotel para apagar em terreno neutro aquela impressão. Partiria no dia seguinte. Ainda que pudesse recuperar o tempo já não havia lugar para ele em sua vida” (1997: 84).

No conto “Para a menina Silvana...?”, Maria do Carmo Rodrigues²⁰ encena dois jovens, um rapaz do campo chamado Daniel, de origem humilde, e Silvana, rapariga pertencente a uma família rica e preconceituosa, que sentem uma atração afetiva. São afastados. Passam-se anos. Ela tornar-se-á missionária e ele emigrará para a África do Sul. No seguimento de negócios que correram mal à família, Silvana vai herdar dívidas e um velho solar na aldeia natal. Daniel regressa milionário. Mulher de fé e ciente da bondade daquele rapaz que lhe infundia uma ternura especial, Silvana não duvida de que Daniel lhe vai valer, qual *deus ex machina*:

– Se a menina quer vender o solar, talvez o Daniel o compre...

Silvana teve a certeza de que sim, Daniel iria tornar-se proprietário do velho solar, nada mais justo como recompensa de muita humilhação sofrida, cabelo com piolhos entre outras, nada mais coerente do que Daniel milionário contribuir para que os irmãos em Cristo das Missionárias da Caridade sejam ajudados, consolados, fortalecidos, socorridos e amparados... Daniel, coroado rei pela velha acácia, reinará porque os seus dotes pessoais lhe justificam o reinado. (2008: 124)

Por sua vez, Maria Aurora Carvalho Homem, em “A Santa do Calhau” do livro de contos epónimo, salienta a aculturação do emigrante madeirense²¹. Evangelino Feijão, regressado da Venezuela, mistura idiomas, ostenta sinais exteriores de riqueza. Como o nome da personagem indicia, o texto desenvolve-se num tom parodístico, encenando situações cómicas que cruzam tempos e espaços. O torna-viagem não descarta o compromisso assumido com o pároco da terra

²⁰ Maria do Carmo Rodrigues, “Para a menina Silvana...?”, in *O Código de Ética do Lionismo: Contos* (Linda-a-Velha: AAVV, DG Edições, 2008).

²¹ Maria Aurora Carvalho Homem, “A Santa do Calhau” in *A Santa do Calhau* (Lisboa: Editorial Notícias, 1992).

natal: oferecer uma imagem para ornar o altar da capela. Mas, quando se levanta o véu sobre a efigie, a santa tem os traços de Amelinha, uma prostituta que o emigrante conheceu no outro lado do Atlântico.

Se os traços estereotípicos, como a presunção e o exibicionismo, constituem uma recorrente faceta do embarcadicho nestas escritas insulares, não fugindo à imagem de emigrantes que escritores do continente fixaram, a desmesura é levada ao extremo no conto intitulado “Telésforo”, de José Viale Moutinho, publicado no seu livro *Já os Galos Pretos Cantam*²². Regressado da Venezuela, Telésforo Gouveia adquire a Quinta do Penedo Branco, na periferia do Funchal, a um “inglês de ar carrancudo, que se fizera pagar em dinheiro vivo” (2003: 51). Em jeito de analepse, o *incipit* refere sumariamente a fuga do protagonista para a Venezuela a bordo do cargueiro *Maria Cristina* e a fortuna constituída nesse *Eldorado*. Para ajustar contas com os meninos ricos do Funchal que se divertiam “nas tropelias das Esquadras de Navegação Terrestre” (2003: 52), Telésforo tem um projeto excêntrico, deseja alimentar um mundo à parte, do tamanho do seu egoísmo. Irá, pois, construir um complexo megalómano no interior da sua nova propriedade:

Queria um lago superficial, com águas douradas e elegantes cisnes de plástico, com um dispositivo que os fazia grasnar e gritar como se vivos fossem. Apenas o velho Saldanha sabia daqueles seus planos mais próximos. Um seu primo, que era empregado num restaurante em Lisboa, contactara um escultor para que realizasse um leão gigantesco, a executar em cimento armado, para colocar à entrada do mundo de Telésforo Gouveia... (2003: 53)

A cultura da exuberância e da metamorfose disfórica transforma a quinta dos arredores do Funchal numa cidade labiríntica e ilusória. Se, por um lado, o conto moutiniano espelha o gosto de um novo-riquismo, por outro, revela uma crítica mordaz ao excesso e ao desajuste do modelo de desenvolvimento do arquipélago da Madeira lançado pelo

²² José Viale Moutinho, “Telésforo”, in *Já os Galos Pretos Cantam* (Lisboa: Editorial Caminho, 2003).

histórico presidente do Governo Regional da Madeira, que esteve em funções mais de trinta e cinco anos consecutivos²³.

Por sua vez, em *Contos de Embarcar*, Lília Mata²⁴ ilustra, de forma singela e enternecida, como refere José Luís Peixoto na nota de abertura do livro²⁵, os múltiplos destinos que se apresentam aos insulares: Venezuela, Curaçau e Canadá. Os protagonistas deixam promessas de amor eterno ou fogem ao serviço militar obrigatório. Alguns procuram no casamento por procuração manter as promessas de uma vida a dois. Outros são preteridos por afetos mais recentes. Habitualmente os homens partem primeiro, as mulheres seguem-lhes os passos.

Nesse tríptico sobre a emigração madeirense, o narrador refere, no primeiro enredo, não só a história de António e Maria da Piedade como exemplo do adiamento afetivo, mas também o quadro sociocultural de uma época: “todos os rapazes que emigram, deixando aqui as noivas, mandavam-lhes o dinheiro para uma máquina de costura e para pagar uma boa-mestre que lhes ensinasse a arte de fazer vestidos” (2002: 12). A escrita de Lília Mata dá conta do fenómeno migratório cada vez mais massificado e diversificado referente à Madeira dos anos 70-80: “Foram aos milhares os noivos embarcados e aos milhares as raparigas que ficaram à espera deles” (2002: 16). Porém, este conto sublinha, sobretudo, o percurso de vida distópico de Maria da Piedade que só recuperará alguma tranquilidade emocional ao partir, no outono da sua vida, para o Canadá, para se juntar à família que lhe resta. A segunda narrativa de *Contos de Embarcar* encena a partida de José Carlos para fugir à tropa:

O namoro foi correndo desta maneira durante alguns anos. Até que se aproximou a altura de ele ir para o quartel. E nesse caso só havia uma coisa a fazer, embarcar. De preferência para a Venezuela, que era o lugar onde as coisas estavam melhores nessa altura. O pai mandou-lhes uma carta de chamada e ela começou a se arranjar. (2002: 27)

²³ Cf. Leonor Martins Coelho, “Leituras de uma cidade insular: crónicas de Ricardo França Jardim e contos de Viale Moutinho”, in Ana Isabel Moniz, Ana Margarida Falcão, Thierry Proença Santos e Leonor Martins Coelho (eds.), *O Funchal (d) Escrito – Ensaios sobre Representações Literárias da Cidade* (Vila Nova de Gaia: 7Dias 6 Noites, 2011), cap. 5, pp. 193-193.

²⁴ Lília Mata, *Contos de Embarcar* (Machico: Editora Regionalista, 2002).

²⁵ José Luís Peixoto, “Um livro que nos entenece”, in *Contos de Embarcar, op. cit.*, p. 5.

Se na segunda ficção se alude a hábitos recorrentes da época, como acabamos de ver, o terceiro conto abre-se a uma emancipação feminina pouco habitual nas narrativas de emigração. Vinculada ao sentido do presente que acompanha a metamorfose de uma sociedade, a viagem empreendida por Maria da Paz para o Curaçau deixa antever que a protagonista partirá, de igual modo, rumo à promessa de uma vida melhor: “A Maria da Paz estava entusiasmadíssima com aquela viagem para o outro lado do mar. Desde pequena que sonhava com essa terra prometida” (2002: 38). É certo que embalada pelo sonho da emigração e deslumbrada com os gramofones que os emigrantes traziam para a terra natal, a protagonista pretende juntar-se a Encarnação e a Mariazinha, irmãs de João Abel, uma vez que as duas solteiras já trabalham em casa de gente abastada. Porém, apesar da jura de amor feita ao noivo, ela seguirá um caminho diferente e redefine o seu projeto de vida ao decidir casar com o filho mais novo de João da Silva. A desconstrução do estereótipo de género que o conto encerra afigura-se evidente. É o João Abel quem fica a sofrer por amor na Ilha: “o pobre do rapaz até adoeceu. Tantos anos a andar para casar, tantos sonhos, tantas promessas, tanto empenho no dote. E as tardes a brincar debaixo do lençol!” (2002: 43).

Considerações finais

Reflexo de uma realidade histórica e social²⁶, a emigração tornou-se um tema recorrente na literatura portuguesa²⁷. Embora gozando de menos prestígio no meio académico e, por conseguinte, de menor visibilidade do que a contista açoriana, a ficção de temática madeirense, virá, de igual modo, sublinhar a mobilidade dos insulares, as suas motivações, bem como os seus desalentos. Na verdade, como observa Carmen Ramos Villar²⁸ a respeito do caso literário açoriano, mas

²⁶ Maria Beatriz Rocha-Trindade, *Sociologia das Migrações* (Universidade Aberta: Lisboa, 1995).

²⁷ Clara Rocha, “A Imagem do Emigrante na Ficção Portuguesa dos Séculos XIX e XX”, in *Revista Escritor* (nº 7, 1996).

²⁸ Carmen Ramos Villar, *The Metaphorical “Tenth Island” in Azorean Literature: The Theme of Emigration in the Azorean Imagination* (Lampeter: Edwin Meller Press, 2006).

extensível, quanto a nós, à configuração do imaginário madeirense: “The literary use of immigration as a theme reflects also the historical and social significance of this phenomenon within the Island, contributing to shaping their regional and cultural identity” (2006: 283). Em ambos os sistemas literários se comprova a mitificação de outros mundos, porque ligados à visão utópica de terras de abundância, felicidade e prosperidade. Não obstante, a idealização apresenta, de igual modo, o seu reverso. O processo de desmistificação, exibindo quer a visão realista de um lugar onde o trabalho é árduo e constante, quer a marionetização do torna-viagem exibicionista, também não é descurado. Em todo o caso, a problemática da(s) Ilha(s) e do mar como elemento que cerca e, ao mesmo tempo, se abre à distância, parece configurar as literaturas insulares²⁹. Desta forma, os temas da viagem e da emigração, subordinados ao vector da utopia, marcam esta *insularidade atlântica* literária, estilizada entre a vontade de cruzar mares, derrubar barreiras e procurar soluções.

²⁹ Cf. Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Jorge Renato Jorge, “Apresentação”, in *Literaturas Insulares. Leituras e Escritas. Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe* (Porto: Edições Afrontamento, 2011).